ISSN: 2358-8829

DA LEVEZA DO RISO À CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: o meme enquanto ferramenta pedagógica no ensino de história

Deyvison Kaycky de Melo Lucena [1]
Bruna Eduarda de Melo Ramos [2]
Daniel Guilherme Bernardino da Silva [3]
Mayara Almeida de França [4]
Geisiane Cipriano dos Santos [5]
Rosineide Maria Gonçalves [6]

RESUMO

O presente estudo se propõe à análise do "meme" enquanto ferramenta pedagógica no ensino de história. Nessa perspectiva, delineamos como objetivos a reflexão sobre o ensino de história no "passado-presente", identificar potencialidades na utilização dos memes e analisar as experiências nas aulas do PIBID. Assim sendo, guiados pela metodologia qualitativa, debruçamo-nos na análise bibliográfica com autores(as) que discutem história e educação, como Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, Dermeval Saviani, Elza Nadai, Circe Bittencourt, Luiz Fernando Cerri, entre outros. Além disso, exploramos artigos que dialogam com a temática, fornecendo bases para a construção da reflexão acerca do meme no ensino. Por fim, ponderamos sobre nossas experiências com essa ferramenta em sala de aula no PIBID de História em escolas públicas do agreste pernambucano. Logo, entende-se que o ensino de História por meio dos memes pode ser significativo, aproximando os conteúdos à realidade do estudante e tornando-os mais "palatáveis" através do riso. Assim, essa ferramenta pedagógica pode ser uma aliada no estímulo do método histórico, fomentando o "pensar historicamente", em sala de aula. O ensino ativo, com foco no estudante, pode ser despertado através de oficinas para a produção de memes históricos. O professor, portanto, estará para o estudante como um mediador do conhecimento, impulsionando os caminhos para a sua própria (re)construção. A crise no ensino de História, experienciada por décadas nas escolas de todo país, senão resolvido completamente, pode ser, ao menos, atenuada com novas práticas de ensino que estimulem o envolvimento da nova geração.

Palavras-chave: Ensino de História, Memes, Escola Pública, Método Histórico, Aprendizado significativo.

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em História do Centro Universitário Tabosa de Almeida - Asces-Unita - PE, 2024139283@app.asces.edu.br;
[2] Graduanda do Curso de Licenciatura em História do Centro Universitário Tabosa de Almeida - Asces-Unita - PE, 2025139321@app.asces.edu.br;
[3] Graduando do Curso de Licenciatura em História do Centro Universitário Tabosa de Almeida - Asces-Unita - PE, 2024139237@app.asces.edu.br;
[4] Graduanda do Curso de Licenciatura em História do Centro Universitário Tabosa de Almeida - Asces-Unita - PE, 2023139203@app.asces.edu.br;
[5] Licenciada em História pela Asces-Unita, Professora da Rede Estadual, Supervisora do PIBID e co-orientadora do estudo, geisianecipriano.g1@gmail.com;
[6] Licenciada em História pela Univisa/PE, Mestre em Serviço Social pela UFPE. Docente e Coordenadora de Área do PIBID na Asces-Unita, orientadora do estudo, rosineidegoncalves@asces.edu.br.

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

> *"No agir sobre o mundo e ser sujeito da história, o passado e suas projeções de futuro são tudo o que está a disposição do homem, como matéria-prima para a sua criação. A criação e mesmo a reprodução são possíveis como recriação do que já existiu: o totalmente novo [..]"*
>
> *Luiz Fernando Cerri*

O presente estudo nasce das inquietações e provocações consubstanciadas pela prática pedagógica e vivência do cotidiano escolar. Além disso, os debates realizados na universidade, na disciplina de Prática de Ensino em História I e II, foram fundamentais para problematizar a práxis pedagógica. Assim sendo, questionamo-nos sobre a estruturação do ensino de História, buscando compreendê-la e, sobretudo, propor novas perspectivas com a utilização do "meme" enquanto uma ferramenta pedagógica.

A pesquisa justifica-se pela proposição de analisar o ensino de História, observando novas óticas para a construção e socialização do saber na relação professor-estudante. Além disso, busca suprir a escassez de material em nossa área de estudo acerca da temática, servindo como possibilidade de pensar-agir para professores em formação, mas também para aqueles que já encontram-se em campo, sentindo as dinâmicas do dia à dia e as novas demandas e contradições do ensino de história na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, delineamos alguns objetivos para o estudo da temática, à saber: 1. Refletir acerca do ensino de História no "passado-presente", buscando historicizar o próprio fazer pedagógico em prol de novas possibilidades. 2. Identificar potencialidades na utilização dos "memes" nas aulas de História. Será que aproximam o estudante na construção e apropriação do saber? 3. Analisar nossas experiências de uso nas aulas ministradas pelo PIBID em escolas do Agreste Pernambucano.

Por fim, depreende-se que o ensino de História por meio dos memes pode ser significativo, aproximando os conteúdos à realidade do estudante e tornando-os mais "palatáveis" através do riso. Assim, essa ferramenta pedagógica pode ser uma aliada no estímulo do método histórico, fomentando o "pensar historicamente", em sala de aula. O ensino ativo, com foco no estudante, pode ser despertado através de oficinas para a produção de memes históricos.

O professor, portanto, estará para o estudante como um mediador do conhecimento, impulsionando os caminhos para a sua própria (re)construção. A crise no ensino de História, experienciada por décadas nas escolas de todo país, pode ser, ao menos, atenuada com novas práticas de ensino que estimulem o envolvimento da nova geração.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

Destarte, guiados pela metodologia qualitativa, debruçamo-nos na análise bibliográfica com autores(as) que discutem história e educação, como Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, Dermeval Saviani, Elza Nadai, Circe Bittencourt, Luiz Fernando Cerri, entre outros. Além disso, exploramos artigos que dialogam com a temática, fornecendo bases para a construção da reflexão acerca do meme no ensino. Nesse sentido, utilizamos duas bases de dados, à saber: SciElo e Google Acadêmico. Por fim, ponderamos sobre nossas experiências com essa ferramenta em sala de aula no PIBID de História em escolas públicas do agreste pernambucano, buscando articular nossas reflexões com o referencial construído.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. O ENSINO DE HISTÓRIA E SUA CRISE NA CONTEMPORANEIDADE

A pesquisadora Elza Nadai, na década de 1990, expõe que o ensino de História está em uma profunda crise. O momento é convidativo, pois permite aos professores a reflexão acerca das próprias bases do ensino de História. Elucida-nos que os estudantes sofrem, por certo, de um distanciamento odioso pela História, apenas buscando o "ponto necessário" nas avaliações. Não gostam da disciplina (Nadai, 1991). E qual seria essa razão?

A disciplina histórica, enquanto disciplina escolar, constituiu-se nos debates intensos do século XIX, momento da consolidação do paradigma positivista que alçava a cientificidade, refundando bases elementares (Assunção, 2013). Desse legado, que transpassa o século XIX à contemporaneidade, observamos que, por vezes, o ensino de História é o ensino dos grandes homens e feitos. Há, nesse viés, uma perspectiva que fomenta a memorização de datas, nomes de "heróis", entre outros (Nadai, 1991).

Assim sendo, bebendo do paradigma positivista, a história é considerada como "pronta e acabada", vista como uma ciência neutra sendo comparada com às ciências naturais, respeitando uma cronologia ininterrupta, sem lugar para rupturas ou descontinuidades (Nadai, 1991). Ora, quantas vezes em nossas aulas do ensino fundamental I, por exemplo, a professora não obrigou-nos à decorar a quantidade de capitanias hereditárias, nomes de bandeirantes e datas?

ISSN: 2358-8829

Será mesmo que a avaliação da aprendizagem, com esses parâmetros, estimula o método histórico? Observamos, portanto, que não estamos distantes da realidade da década de 1990, ainda estamos em crise.

2. QUANDO A CONSCIENTIZ(AÇÃO) ASSUME A HISTÓRIA: o ato de "pensar historicamente"

De acordo com Bodo von Borries, a "aprendizagem é uma função da consciência histórica" (Borries, 2016, p. 5). Diante dessa afirmação, que reconhece o teor histórico imbricado na percepção dos fatores complexos que caracterizam a existência humana, revela-se a relevância de analisar os dados das pesquisas realizadas pelo autor sobre a relação entre os jovens e a consciência histórica no processo de aprendizagem escolar. Tais investigações envolveram, de maneira pertinente: a interpretação do sujeito e o seu confronto com um marco temporal e geracional; a memória social, que pode ser constituída por suas instituições de convivência (família, igreja, etc.); suas tradições; e o seu estudo sistematizado da História (Borries, 2016, p. 6).

Por meio da observação sobre a teoria da consciência histórica de Jörn Rüsen e de seus experimentos sobre a didática da História com adolescentes nos anos finais do ensino fundamental na Alemanha, Borries concluiu que não há um método exclusivo a ser aplicado no ensino e no uso da História. No entanto, o autor enfatiza a importância da multi perspectividade no estudo de fontes e a operacionalidade mental (inspirada em Rüsen) que constitui a consciência histórica: a vivência da prática cotidiana, a interpretação do passado e o conhecimento sobre as teorias e temporalidades históricas (Borries, 2016, p. 8).

Na ótica brasileira, Luiz Fernando Cerri (2011) fornece plurais leituras de intelectuais sobre a consciência histórica, apesar de ressalvar que não há uma definição universal que lhe caiba. Entretanto, é possível entendê-la como um fenômeno humano, natural e universal, presente na vida cotidiana, que se dá de maneira independente do tempo e do espaço. Assim, por meio do exercício mental citado anteriormente, torna-se possível gerar explicações sobre os fenômenos da natureza e da existência humana, da mesma forma que ela pode ser interpretada como consciência política (uma força contrária à alienação histórica).

A consciência histórica fortalece uma dimensão da disciplina que evidencia problemas culturais, sociais, políticos e cognitivos envolvidos na formação identitária das novas gerações e em sua visão de futuro. O autor também compartilha pensamentos similares aos de Rüsen no que diz respeito às dificuldades enfrentadas por estudantes e professores ao

ISSN: 2358-8829

estudar história, sendo uma delas a dificuldade de estabelecer um diálogo com a realidade dos jovens, o que compromete o engajamento:

> A rejeição de muitos alunos em estudar história pode não ser somente uma displicência com os estudos ou uma falta de habilidade com essa matéria, mas um confronto de concepções muito distintas sobre o tempo, que não encontram nenhum ponto de contato com o tempo histórico tal como aparece na narrativa de caráter quase biográfico das nações ou da humanidade. Talvez, ainda, o "código genético" da disciplina escolar História, nascido no século XIX sobre o influxo do nacionalismo, do iluminismo ou do romantismo, do racionalismo, da perspectiva do progresso (ainda que em última instância) imponha a nós, professores, uma concepção de tempo, de identidade e de humanidade que não se encaixa nas visões das novas gerações [...] (Cerri, 2011, p.17-18).

Sendo assim, a capacidade do professor não se restringe a tornar acessível o conhecimento acadêmico erudito de forma resumida na escola, como mera reprodução de conteúdos. Seu papel é identificar as nuances da consciência histórica e como ela está relacionada ao processo educativo (inclusive como forma de autoavaliação), de modo a facilitar a "compreensão crítica do tempo, da identidade e da ação na história" (Cerri, 2011, p. 18). Desse modo, demonstra-se que o "pensar historicamente" envolve, simultaneamente e como um processo dinâmico, o entendimento das circunstâncias dos fatos, as contribuições já existentes e a reflexão sobre a vida prática.

A consciência histórica é uma dimensão que perpassa o ofício do historiador e sua faceta pedagógica. Dessa forma, este estudo utiliza-se do aporte teórico supracitado para viabilizar o uso de memes como ferramenta figurativa e dinâmica de narrativas, simbologias e mentalidades da história, familiarizando, de maneira significativa, o raciocínio crítico com a realidade das gerações mais jovens — marcadas pelas modificações culturais, políticas, sociais e econômicas decorrentes do avanço tecnológico dos últimos 25 anos.

A cultura, que é um dos elementos aos quais as figuras e artes sequenciais (como os memes, propagados principalmente pela internet) mais fazem referência, é uma fonte ramificada e diversa, repleta de símbolos e significados que são atribuídos e modificados ao longo do tempo. Segundo Carlos Rodrigues Brandão (2002, p. 20), "aprendemos com o tempo - e cada cultura humana faz isto segundo os seus termos e de acordo com os padrões de sua própria lógica do sentir, do pensar e do agir". Nessa perspectiva, enriquecida pelo viés antropológico, o ser humano é um agente cultural e um ator social, e, por meio da educação, torna-se possível o estreitamento dessas relações.

> Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo. E realiza isto através de incorporar em

ISSN: 2358-8829

> diferentes instâncias de seus domínios pessoais de interações [...] (Brandão, 2002, p.26)

Em consonância com esses pressupostos, a ponte entre a cultura digital e a sala de aula encontra seu alicerce fundamental no pensamento de Paulo Freire. Para o autor, a educação é um ato político e dialógico, no qual "a leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 1982, p. 5). Nesse sentido, os memes deixam de ser meros objetos de entretenimento e passam a figurar como legítimas manifestações da cultura popular contemporânea e codificações da realidade que os estudantes já sabem "ler".

Por fim, ao trazer esse tipo de linguagem para a práxis pedagógica da História, o professor estabelece o diálogo crítico defendido por Freire, articulando o saber da experiência dos alunos para problematizar a realidade, desconstruir alienações e promover a conscientização histórica. Assim, a apreensão do tempo presente por meio da cultura torna-se a chave para que o educando se reconheça não como espectador passivo, mas como sujeito ativo da própria história, como exposto em *Pedagogia do Oprimido*:

> Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio da própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada. (Freire, 1987, p.40)

3. OS MEMES E SUA UTILIZAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

A sociedade contemporânea passa por inúmeras transformações que requisitam novas demandas das instituições sociais. A escola, envolvida nesse escopo maior, é parte desse processo. Nesse sentido, as relações de ensino-aprendizagem são pressionadas à inserção na sociedade tecnológica e digital.

Assim sendo, observamos que o meme pode ser um aliado à atualização metodológica do ensino de História. Sua inserção no decurso das aulas e avaliações são potencializadoras para a quebra do ensino de História estritamente tradicional, conhecido por muitos estudantes: aula expositiva, memorização de eventos e lista de exercícios.

O "meme" por definição é compreendido como "Imagem, vídeo, frase, expressão, parte de um texto etc., copiada e compartilhada rapidamente e através da Internet, por um grande número de pessoas, geralmente com um teor satírico, humorístico ou para zoar uma situação ou pessoa" e etimologicamente vem do grego, significando imitação ou mimética.

Conforme Lepre e Cavalcanti: "O meme pode mostrar-se por meio de uma reprodução caricaturada, positiva ou negativa, do nosso cotidiano, costumes, cultura, crenças, política,

sociedade e demais reproduções simbólicas"(2018, p. 2). Nesse sentido, o meme é uma produção recorrente no cotidiano juvenil, sendo amplamente produzido e socializado no ciberespaço através de sites populares como Facebook, Instagram e Whatsapp.

Por conseguinte, o meme é cada vez mais compreendido como um gênero textual digital, passível de interpretação e análise do seu significado cultural. Assim, o professor de História pode valer-se dessa forma de linguagem, inserindo-a em seu planejamento pedagógico enquanto uma ferramenta eficaz para as atividades de ensino-aprendizagem, seja para começar a discussão de conceitos históricos ou para uma avaliação diagnóstica, formativa ou somativa.

O meme, enquanto ferramenta, pode ser utilizado através da óptica Freireana, visto que sua aplicação e produção pode instigar a leitura da palavra-mundo (Freire, 1982). Ou seja, o estudante para compreendê-lo necessita realizar uma análise dos seus conhecimentos prévios, adquiridos através da sua experiência de mundo, relacionando com o saber sistemático.

Nessa perspectiva, são despertados inúmeros aspectos do processo de aquisição do saber. Existe no "meme" uma dialética de funcionamento que estrutura sua composição e aplicação. Em outras palavras, "para conseguir identificar os discursos neles contidos, é preciso ter algum conhecimento sobre a temática abordada e realizar uma leitura profunda da imagem apresentada"(Cavalcanti; Lepre, 2018, p. 6).

Sobretudo, uma ferramenta útil na quebra do "ensino rígido" e perspectiva bancária da educação. O estudante, em uma perspectiva ativa, é responsável pela sua construção do conhecimento. O professor, nesse prisma, está mais para um mediador e articulador de problemáticas em sala de aula. É imprescindível, nesse movimento, que os estudantes despertem para a análise de conteúdo, observando as múltiplas perspectivas sobre os acontecimentos históricos e a própria historicidade deles mesmos como também dos discursos que constroem narrativas:

> A produção de memes pelos alunos pode ser uma forma estimulante de finalizar os estudos sobre determinados fatos históricos. Desperta o interesse dos adolescentes que precisam compreender os fatos estudados para serem capazes de criar um meme que, ao mesmo tempo, divirta e transmita uma ideia relacionada ao que foi estudado (Cavalcanti; Lepre, 2018, p. 5).

O pensador Carlos Rodrigues Brandão (2002), tecendo algumas reflexões acerca da educação, compreende o ato educativo como um processo adquirido pela endoculturação. Em outras palavras, o aprendizado é fruto da socialização diária e o contato com múltiplas perspectivas e conceitos em uma cultura específica. A escola, com seu modelo educativo, se

ISSN: 2358-8829

propõe como um lócus próprio da aprendizagem. Contudo, o processo de aprender não está preso às formalidades e paredes institucionais.

Outrossim, Brandão (2002) elucida-nos que o ato educativo acontece em todos os lugares e relações, não importando considerações geográficas e institucionais. As pessoas aprendem conversando, brincando, andando, tecendo observações do mundo e das pessoas. Viver é aprender. E aprendendo garantimos que estamos vivos. Então, se aprendemos dessa forma ampla, porquê não através de uma perspectiva lúdica e próxima ao estudante? Pelo riso? Os sentimentos bons despertados do aprendizado e humor, isto é, da dialética dos memes.

Somado a isso, o professor de História, Guimarães (2024), pontua que o meme, enquanto uma ferramenta pedagógica, pode utilizar da ironia e sátira para instigar uma ambiência que valorize a pluralidade de ideias e perspectivas. Nesse sentido, tecendo reflexões concernentes à problemáticas do escopo social, desvelando injustiças, contradições e, fundamentalmente, valendo-se da crítica social. Seu caráter satírico-irônico pode ser oportuno à desconstrução de figuras políticas e ideias hegemônicas, possibilitando novas construções.

Os memes, na perspectiva de Guimarães, são canais para a desconstrução de normas e ideias protegidas, dando expressividade às vozes marginais e ideias subversivas. O seu uso, em sala de aula pode, por exemplo, instigar o debate. Além disso:

> Na educação, o uso de “memes” pode trazer alguns benefícios. Como seu uso no ensino, os “memes”são populares entre os jovens e podem ajudar a atrair a atenção dos estudantes. Ao utilizá-los de forma rele-vante e adequada é possível despertar o interesse dos alunos e motivá-los a participar ativamente das atividades em sala de aula (Guimarães, 2024, p. 76).

Portanto, as atividades em sala podem ser elaboradas e executadas com maior aceitabilidade dos estudantes, principalmente quando trabalhamos com conceitos e ideias que possam, em um primeiro momento, parecer complexos e distantes. Além disso, seu uso auxilia nas atividades interdisciplinares com a área de linguagens, visto que desenvolve a leitura e interpretação do contexto social, do próprio texto e da escrita dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desta feita, buscamos tecer algumas reflexões sobre a utilização dos memes nas aulas de história nesta seção. As experiências em questão foram possíveis à partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), sendo fundamental em nossa trajetória formativa.

ISSN: 2358-8829

Assim sendo, a utilização dos "memes" surge como estratégia possível nas aulas de História buscando uma maior participação dos estudantes no processo de ensino-aprendizado. No decurso das regências, observamos que uma boa parcela dos estudantes ainda ficavam passivos, quietos e silenciosos nas aulas, mesmo buscando uma perspectiva de questionamento e diálogo.

Portanto, surgiu a seguinte inquietação: o que podemos fazer para aproximar os assuntos à realidade do estudante, instigando-os à participar das aulas? Sobretudo, com a pertinência desse problema, à partir das leituras do horizonte Freireano, foi consensual que a melhor perspectiva para agir não era "impor" o conteúdo ao estudante, mas buscar valorizar suas experiências, seus gostos e assim inseri-lo com mais êxito no debate.

Foi observado, nesse sentido, que as aulas de História pouco dialogavam com o cotidiano juvenil, com aquelas coisas que os faziam sorrir e envolver-se. Nesse sentido, buscamos implementar, durante o percurso das aulas, os memes enquanto uma possibilidade de ensino-aprendizado. Os blocos teóricos ainda existiam, mas eram sempre acompanhados de memes escolhidos à dedo e que oportunizassem debates, diálogos e, fundamentalmente, inquietações por parte dos estudantes.

Nossas experiências foram consubstanciadas em duas escolas públicas de ensino médio no Agreste Pernambucano. Vale ressaltar que, nossa passagem pelo PIBID abrangeu uma realidade mais difícil: o ensino fundamental sob tutela do município. Difícil porque não havia estrutura suficiente para explorar outras perspectivas e metodologias no ensino de História, apenas havia quadro e caneta.

O que não impossibilita o trabalho com os memes, mas naquele contexto optamos por não realizá-lo. Contexto diferente foram nas escolas da rede estadual, onde foi ofertado uma boa estrutura para nosso trabalho com os discentes. Os memes utilizados atravessaram temas muito heterogêneos, permitindo análise sobre diferentes tempos históricos, contextos políticos, sociais e econômicos.

As possibilidades de utilização dos memes são inúmeras. O docente, por exemplo, pode utilizá-los como uma "porta de entrada" dos novos conteúdos, uma espécie de avaliação diagnóstica no início das aulas, buscando instigar e aferir a aprendizagem dos estudantes. No caso ilustrado, os memes foram utilizados após a explicação teórica do assunto. Por vezes, os estudantes ficam muito quietos e passivos em sala, então uma alternativa chamativa e contextualizada é uma excelente opção.

Sobretudo, sua utilização representa ganhos potenciais em aprendizagem, pois o meme é um produto cultural, dentro de uma dada sociedade e contexto específico, que pode ser

ISSN: 2358-8829

utilizado e problematizado. Importa, sem dúvidas, que os estudantes desenvolvam uma leitura crítica do conteúdo, que permita uma leitura questionadora, formuladora de hipóteses e dúvidas.

Além disso, observamos que a produção de memes em "oficinas" podem ser muito interessantes para o desenvolvimento dos estudantes na disciplina de História, visto que tece um diálogo interdisciplinar com outras áreas como as linguagens e a informática, fornecendo bases para uma formação sólida, holística e socialmente inclusiva.

O ensino de História, deficitário em muitas realidades, necessita de uma reinvenção teórico-metodológica que acompanhe as mudanças correntes na educação brasileira contemporânea. Nesse sentido, o uso dos memes pode ser uma alternativa viável, uma ferramenta útil, para o desenvolvimento das atividades de ensino e aprendizado. Nada temos à perder, senão aquela velha história factual do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou refletir sobre as potencialidades dos memes enquanto ferramenta pedagógica no ensino de História, considerando as demandas da educação contemporânea e as experiências vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Ao longo das discussões, compreendemos que o ensino de História necessita de práticas pedagógicas que ultrapassem a simples memorização de fatos, datas e personagens, possibilitando aos estudantes uma aprendizagem significativa, crítica e relacionada às suas experiências cotidianas.

Nessa perspectiva, os memes apresentam-se como uma possibilidade metodológica capaz de aproximar os conteúdos históricos da realidade dos estudantes, estabelecendo diálogos entre passado e presente por meio de uma linguagem familiar à cultura juvenil. Entretanto, suas contribuições não se limitam ao humor ou ao entretenimento, pois, quando utilizados de maneira planejada e problematizadora, podem estimular a interpretação, a reflexão crítica e o desenvolvimento da consciência histórica. Desse modo, a produção e a análise de memes podem favorecer o protagonismo estudantil, colocando o educando como sujeito ativo na construção do conhecimento, enquanto o professor assume o papel de mediador desse processo.

ISSN: 2358-8829

As experiências vivenciadas durante as regências do PIBID também evidenciaram que a utilização dessa ferramenta deve considerar as particularidades de cada realidade escolar, especialmente as condições estruturais disponíveis e as necessidades dos estudantes. Nesse sentido, reconhecemos que não existe uma metodologia única capaz de responder a todos os desafios do ensino de História. É necessário, portanto, que o professor desenvolva um olhar sensível às dinâmicas da sala de aula, buscando alternativas que favoreçam a participação, o diálogo e a construção coletiva do saber, mesmo diante das limitações materiais encontradas no cotidiano escolar.

Além disso, a experiência no PIBID possibilitou refletir sobre a importância da formação inicial docente como espaço de experimentação, investigação e construção de novas práticas pedagógicas. O contato com a realidade escolar permitiu problematizar os desafios da profissão e compreender que a docência exige constante reflexão sobre as metodologias utilizadas e sobre as formas de estabelecer relações entre os conhecimentos históricos e as vivências dos estudantes. Assim, a iniciação à docência contribui não apenas para a aprendizagem dos licenciandos, mas também para a construção de perspectivas de ensino comprometidas com uma educação crítica e dialógica.

Por fim, compreendemos que o uso dos memes não representa uma solução definitiva para os desafios historicamente enfrentados pelo ensino de História, mas constitui uma possibilidade relevante de renovação das práticas pedagógicas. Sua contribuição depende da intencionalidade educativa, da contextualização histórica e da mediação docente, evitando que o conteúdo seja reduzido ao humor ou a interpretações superficiais. Torna-se fundamental, portanto, transformar o riso em ponto de partida para a reflexão, a problematização e a compreensão das relações entre passado e presente. Afinal, ensinar História também significa criar possibilidades para que os estudantes interpretem criticamente o mundo em que vivem, reconhecendo-se como sujeitos históricos capazes de compreender e transformar a própria realidade.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

BORRIES, Bodo von. **Jovens e consciência histórica**. Tradução de Maria Auxiliadora Schmidt. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

BARROS, José d'Assunção. **Teoria da história**: os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CAVALCANTI, Denise Peruzzo Rocha; LEPRE, Rita Melissa. Utilizando memes como recurso pedagógico nas aulas de História. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS**; ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 4., 2018, São Carlos. Anais [...]. São Carlos: UFSCar, 2018. p. 1–8. Disponível em: https://ciet.ufscar.br/. Acesso em: 17 jul. 2026.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. 138 p. (Coleção FGV de bolso. Série História, 18).

NADAI, Elza. **O ensino de história no Brasil**: trajetória e perspectiva. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 21. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, Jarbas da Silva. **O meme como linguagem social e seu uso na educação**. Revista Pleiade, Foz do Iguaçu, v. 18, n. 43, p. 70–78, abr./jun. 2024